

# Revista de Ensino de Geografia

Desde 2010 - ISSN 2179-4510

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva – IGESC

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

## ARTIGO

### A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICO-DISCURSIVA SOBRE O NORDESTE NOS TEXTOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Filipe Santos Oliveira<sup>1</sup>

Célia Regina Batista dos Santos<sup>2</sup>

Nacelice Barbosa Freitas<sup>3</sup>

#### RESUMO

O Nordeste resultado da construção imagético-discursiva resulta na invenção de uma Região, definida pelos aspectos destoantes da realidade. Buscou-se explicar o processo, mediante a leitura e análise dos textos dos livros didáticos de geografia, do ensino fundamental II e médio, abalizando como cada autor contribui para referendar a ideia construída e consolidar no imaginário social a compreensão de um espaço definido por elementos depreciativos, isto é, fome, miséria, pobreza, paisagem ressequida, em decorrência das especificidades climáticas. A pesquisa bibliográfica viabilizou o aprofundamento das definições conceituais, assim como, a seleção e leitura dos livros didáticos, associadas ao levantamento de dados das estimativas e dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A análise realizada constatou que o recurso pedagógico, ao mesmo tempo em que permite viabilizar a produção do conhecimento em sala de aula, pode se constituir em perigoso instrumento da construção imagético-discursiva se expuser estigmas e estereótipos, alicerçados em conteúdos regionais desviante da realidade.

**Palavras-chave:** Região. Semiárido. Ensino de Geografia. Livro didático.

<sup>1</sup> Graduando do curso de licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: filipe.san1992@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: celiaregina@uefs.br

<sup>3</sup> Doutora em Geografia, Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: nbfreitas@uefs.br

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo explicar a construção imagético-discursiva sobre o Nordeste nos textos dos livros didáticos de geografia do ensino fundamental II e médio, identificando a concepção dos autores e, simultaneamente, verificar e observar se esta corresponde à realidade ou é fruto de discursos pré-elaborados por determinados setores da sociedade.

O texto é fruto da experiência com o Estágio Supervisionado em Geografia em uma coparticipação com a turma do 7º ano do ensino fundamental II, durante o segundo semestre letivo de 2019 do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira Santana. Durante as aulas observou-se que os estudantes associavam a Região Nordeste a seca e pobreza, definindo-a como sendo uma área inóspita, ou seja, a concepção de Nordeste dos mesmos não correspondia à realidade. O livro didático utilizado pela turma é da autoria de Neiva Torrezani, intitulado *Vontade de Saber*, publicado em 2018 pela editora Quinteto, de São Paulo. Notou-se que continha alguns elementos imagético-discursivos que destacam a pobreza e o atraso social da respectiva Região. O destaque da pobreza e do atraso social apresentado pela autora do livro didático de geografia representa um discurso reduzido ao fenômeno natural, colocado como responsável pelas mazelas, resultante das perdas de colheitas, morte do gado, fome, elementos que também estão presentes no cotidiano do semiárido nordestino.

Segundo Castro (2021), a seca está presente no discurso dos deputados federais que se aproveitam dos impactos climáticos no campo e na vida do agricultor, como meio de conseguir investimentos para mitigar a pobreza. Segundo a autora, isso reforça ainda mais a construção da ideia de Nordeste definido unicamente pelo clima semiárido, e que ainda predomina no discurso dos políticos que apontam propostas e soluções para resolver os problemas decorrentes das secas

Para contribuir com a discussão sobre a construção imagético-discursiva sobre o Nordeste e os nordestinos presente nos textos dos livros didáticos de Geografia, refletiu-se sobre os sentidos produzidos pelas representações que destacam o Nordeste como um lugar de atraso econômico, de pessoas pobres, carentes e famintas; e analisar em que contexto surgiu tais imagens, ou seja, o que está por trás da propagação da imagem de seca e pobreza. A pesquisa buscou, portanto, responder a seguinte pergunta: quais as origens da construção imagético-discursiva sobre Nordeste, e como está descrito nos textos e imagens dos livros didáticos de geografia? Sendo assim, tem-se como objetivo geral analisar a construção imagético-discursiva sobre o Nordeste, descrita nas imagens dos livros didáticos de geografia

do ensino fundamental II e ensino médio, explicando sua origem. Especificamente, buscou-se identificar as origens da construção imagético-discursiva atrelada a seca e pobreza e identificar a representação textual nos livros didáticos de geografia utilizados no ensino fundamental II e médio.

No que diz respeito ao Nordeste, buscou-se apreender como a Região se insere no espaço nacional de forma estigmatizada e depreciada em virtude das manifestações da natureza, especialmente quanto às condições climáticas, determinantes da seca. O desafio desse trabalho é explicar como a Região se revela diante dos nossos olhos, expondo a sua essência, os interesses dominantes que “inventou” a Região com características desviantes do que é visto e correspondente ao que é dito. Pretende-se, portanto, ampliar os conhecimentos sobre a Geografia Regional e fundamentalmente sobre o Nordeste.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa cuja finalidade é refletir sobre como se deu a construção imagético-discursiva do Nordeste presente nos textos e imagens de livros didáticos do ensino fundamental II e médio. Fez-se um levantamento bibliográfico em obras publicadas, sejam eletrônicas ou impressas, como livros, artigos científicos, teses, dissertações, revistas e páginas de website, visando reunir e analisar o material já publicado sobre o assunto, aprofundando a leitura sobre os conceitos como Nordeste e semiárido, assim como a construção imagético-discursiva. Assim, os principais autores que serviram se base para discussão foram Albuquerque Junior (2007), Malvezzi (2007) e Oliveira (1981).

Para investigar o conteúdo dos textos dos autores dos livros didáticos, a análise de discurso é de fundamental importância na explicação dos sentidos produzidos, verificando sua relação com a sociedade, ou seja, como o visível e o dizível nesta análise ajuda a identificar o recorte espacial transscrito nos textos dos livros didáticos e os sentidos envolvidos. Para isso, tomou-se como referência a leitura de Foucault (1996) e Albuquerque Junior (2007). Numa segunda etapa, selecionaram-se didáticos de geografia do ensino fundamental e médio para análise do conteúdo Região Nordeste. O Quadro 1 indica os autores, títulos, editoras, cidades e anos de publicação dos livros didáticos selecionados para análise.

Em seguida foi feita análise do conteúdo sobre o Nordeste nos textos dos livros didáticos, e para isso adotaram-se os critérios com base em Silva e Oliveira (2013, p. 92) para descrição e interpretação de conteúdo nos livros, quando tratam “o texto escrito, o uso de imagens, gráficos, quadros, tabelas, os mapas; a organização do conteúdo”. Logo após elaborou-se uma ficha de avaliação dos textos dos livros didáticos a partir da adaptação de fichas de pesquisas paralelas, identificadas durante a revisão bibliográfica, em especial a utilizada por Lima e Santos (2018). Inicialmente foi analisado cada livro separadamente, para

aquisição dos dados concernentes à temática em questão e depois todos em conjunto para análise dos elementos imagético-discursivos sobre a concepção de Nordeste destacada e sustentada pelos autores.

Quadro 1: Livros didáticos de geografia selecionados para análise dos conteúdos sobre o Nordeste.

	<b>TÍTULO</b>	<b>EDITORIA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ANO</b>
Melhem Adas e Sérgio Adas	Expedições geográficas	Moderna	São Paulo	2018
Valquíria Soares & Beluce Bellucci	Construindo conciências	Scipione	São Paulo	2006
Eustáquio de Sene & João Carlos Moreira	Trilhas da Geografia	Scipione	São Paulo	2000
James Onnig Tamdjian e Ivan Lazarri Mendes	Geografia Geral e do Brasil: estudos para compreensão do espaço	FTD	São Paulo	2005

Fonte: Filipe Santos.

## 2 ORIGEM DA CONSTRUÇÃO IMAGÉTICO-DISCURSIVA SOBRE O NORDESTE

A Região Nordeste é uma das cinco macrorregiões brasileiras definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde 1969. É a segunda Região mais populosa do país, perdendo apenas para o Sudeste, com população total, segundo estimativas do IBGE (2021) de 57.667.842 habitantes. A extensão compreende uma área de 1.554.291.744 Km<sup>2</sup>, com nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Figura 1). É dividida em quatro sub-regiões, em decorrência da diversidade climática, denominadas: Zona da Mata, Sertão, Meio-Norte e Agreste. Pode-se ainda demarcar o Polígono das Secas, uma delimitação que tem como objetivo principal, resolver os problemas decorrentes das secas. Segundo Freitas (2014, p. 33):

Outra delimitação definida institucionalmente é o Polígono das Secas, uma especificidade regional, com limites fixados em 1936, ampliado em 1947 e também em 1951, delineando uma fronteira que tangencia o espaço nordestino e do norte de Minas Gerais sujeito a longas estiagens, desde o interior, ao litoral da Paraíba.

Além disso, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) delineia a Região Semiárida do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). (Figura 1). Freitas (2014, p. 33) afirma que:

[...] a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), cria a Região Semiárida com base na Lei 7827/89, tendo sua área ampliada pela Resolução Nº 10929/94, correspondente hoje à cerca de 11,5% do território nacional, ou seja, 858.000 Km<sup>2</sup>, ou ainda, 52,4% da Região Nordeste. Segundo os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010), nela vivem mais de 30 milhões de habitantes: é o semiárido mais povoado do mundo.

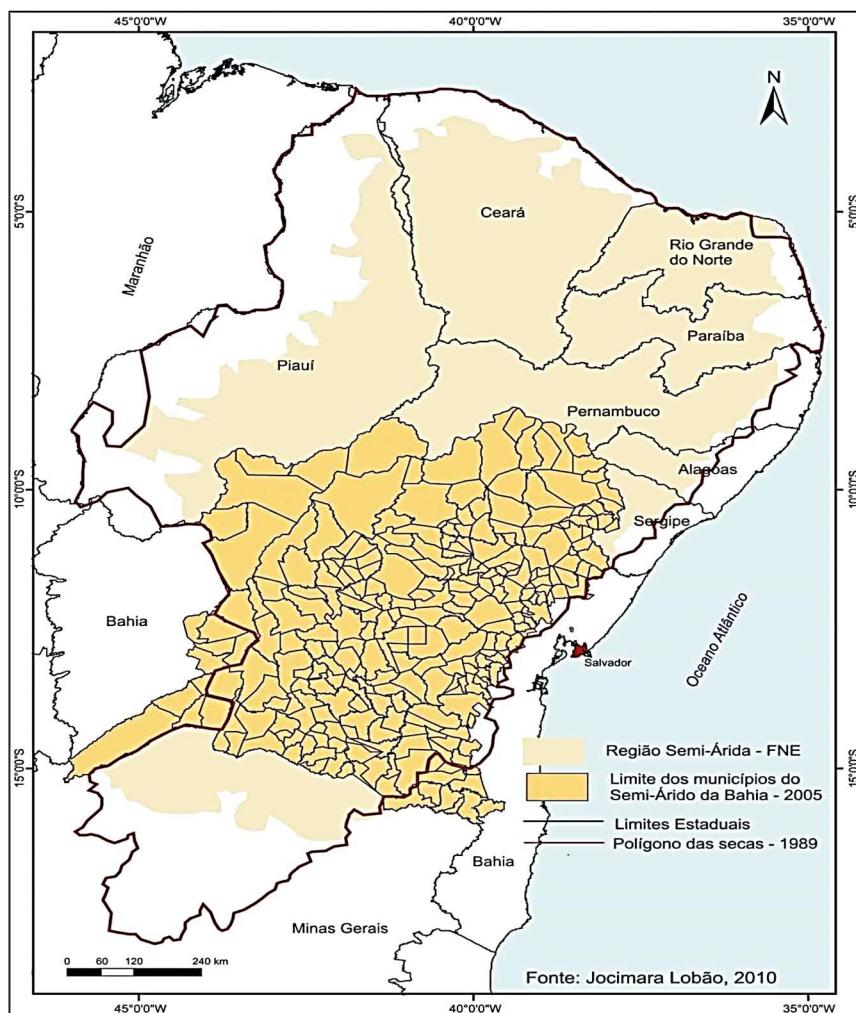


Figura 1: Mapa da região semiárida do Nordeste e o polígono das secas.

Segundo Albuquerque Jr. (2007), a invenção do Nordeste tem origem no final do século XIX e início do século XX, resultando em uma definição da Região com base no imaginário social, construído alicerçado na produção literária, publicações em jornais, romances, poesias, músicas, filmes e peças teatrais. Nessa perspectiva, elaboram um discurso, que segundo ao autor “tomaram o Nordeste por tema e o construíram como objeto de conhecimento e de arte”. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 30). O Nordeste inventado é o “outro” de São Paulo, ou seja, compreende uma questão de alteridade, quando descobre-se o

“nordestino como um bom tipo para espetáculos de humor”. O espaço anteriormente definido sob viés geográfico torna-se autor de “dimensão histórica, artificial, construída pelo homem” (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 45 e 47). Como consequência, tem-se uma construção imagético-discursiva referenciada no dizível e no visível, pois que:

A verdade sobre a região é construída a partir dessa batalha entre o visível e o dizível. O que emerge como visibilidade regional não é apresentada, mas construído com a ajuda do dizível ou contra ele. Falar e ver são formas diversas de dominar este objeto regional, que podem se dirigir ou não no mesmo sentido. (...) Os discursos fazem ver, embora possam fazer ver algo diferente do que dizem. São as estratégias de poder que orientam os encontros ou as divergências entre o visível e o dizível e o contato entre eles. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 46).

Entre as décadas de 1920 e 1940, a maioria da população do Sul ouvia informações sobre Norte por meio da imprensa, que coletava notícias e notas de viagem dos viajantes de outras áreas do país ou de discursos dos representantes no parlamento. Nessa perspectiva os sulistas inventaram os paulistas e os nordestinos, a exemplo de uma nota de um articulista do jornal *O Estado de São Paulo* que descreveu o Nordeste como “terra do sofrimento” e da “miséria”; e que em 1920 destacou que o Sul do Brasil “apresentava tal aspecto de progresso” em contraste com o Norte em que era descrito como área de “deserto, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza” em comparação com vida social das regiões Sul e Sudeste do país. Com o processo de urbanização no Nordeste, o discurso sobre o Nordeste e o nordestino permanece definido como uma região rural devastada pela calamidade e em situação de inferioridade em comparação com o Sul, especialmente São Paulo, que concentrava fluxos migratórios e centralizava o mercado de trabalho (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

A construção imagético-discursiva em especial por parte da imprensa focou o Nordeste com base nas condições sociais existentes na década de 1920. A condição de pobreza foi reforçada por intelectuais como Euclides da Cunha no livro *Os Sertões*, utilizando elementos estereotipados presentes no espaço nordestino como, cangaço, messianismo, êxodo rural e a seca, que reforçavam o discurso imagético colocando aspectos regionais como algo exótico em relação ao restante do país.

A percepção de que todo nordestino passa fome, por exemplo, está presente em telenovelas explicitando que o Nordeste exporta para Região Sul/Sudeste pessoas pobres, pedintes e analfabetos, as quais geralmente vão morar na periferia das cidades da Região Sul/Sudeste. (ALVES, 2018)

A telenovela Senhora do Destino, exibida em 2004 pela Rede Globo de Televisão, é um exemplo da construção imagético-discursiva do nordestino. A personagem Maria do Carmo representa uma mulher persistente que trabalha duro, tem uma vida árdua, e ainda cuida de cinco filhos. Ela morava no Nordeste e se muda para o Sul. De acordo com Alves (2018), na maior parte das cenas gravadas, a personagem Maria do Carmo aparece em uma mesa farta de comida, que ela ingere de modo compulsivo como forma de mostrar sua fome quando morava no Nordeste. Ela começa a se empolgar tanto com as boas condições, a ponto de afirmar que ficou rica e que iria comer muito e compensar o período de escassez de alimento.

A hipérbole em torno da nordestina interpretada pela personagem Maria do Carmo mostra que um nordestino quando migra para o Sudeste, e consegue acumular um pouco de dinheiro, busca sempre ter uma mesa farta como forma de superar a fome e a miséria que vivia enquanto morava no Nordeste.

A construção imagético-discursiva difundida sobre o semiárido relacionada ao clima árido é distorcida, pois são as condições econômicas e políticas que determinam as mazelas sociais. Na visão de Malvezzi (2007, p. 11)

[...] É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo esturricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luís Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto.

Na contramão destas imagens difundidas, de acordo com Malvezzi (2007), o clima semiárido brasileiro é o mais chuvoso do planeta, com média de 750 mm/ano, variando de 250 mm/ano a 800 mm/ano, associá-la a grande falta de chuva é contraditório e não condiz com a verdade, embora que a taxa de evaporação seja maior do que a precipitação, 3.000 mm/ano, o problema do Nordeste não é a seca, mas sim a falta de uma estrutura para o armazenamento dessa água.

## 2.1 A construção imagético-discursiva do nordeste atrelado a seca e pobreza

A construção imagético-discursivo trata-se um conhecimento lógico ou estruturação de pensamento que pode evidenciar por meio científico e ser aceito, ou não, como verdade, além de imagens e textos que surgem de pontos variados e se repetem, produzem e

reproduzem, ligando e fixando gradualmente com o passar do tempo na imaginação de um ou mais indivíduos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

Esta tem origem no pensamento das elites ligadas às atividades agrícolas e agrárias tradicionais que se dedicavam à produção de açúcar, algodão e pecuária do final do Século XIX. A imagem do Nordeste seco e pobre foi e ainda é disseminada pela criação intelectual de artistas que utilizam signos (coronelismo, cangaço, beatos), mídias (jornais, novelas, livros de literaturas, entre outros) (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007). A concepção de que todo espaço nordestino é seco e pobre, anula a diversidade natural, turística e social das sub-regiões como Zona da Mata, Agreste e Meio Norte e até mesmo as Chapadas e Serras, com características naturais diferentes.

A construção imagético-discursiva centrada no semiárido definindo-o como nordestino seco, atrasado economicamente não condiz com a realidade desta sub-região, pois neste desenvolve-se atividade de piscicultura em reservatórios de água utilizados para criação de peixes com suporte de tecnologia, tornando-se um celeiro de produção de pescado, que conta com suporte do Rio São Francisco e Parnaíba para o desenvolvimento desta atividade. A vegetação xerófila que se adapta ao semiárido, com flores que contem pólen e néctar que alimenta abelhas para produção de mel, possibilitando o desenvolvimento da apicultura com produção de mel silvestre, com destaque ao Piauí, Bahia e Ceará (RIBEIRO, 2014).

Outro segmento da agricultura moderna desenvolvida no Semiárido é a irrigação, com destaque ao cultivo de fruticultura produzida no bipoce Juazeiro/Petrolina, localizado no Baixo Médio São Francisco, que exporta para mercado externo a maioria da produção. A lucratividade gerada por esta atividade agrícola vai para os latifundiários que concentram e dividem as terras entre si.

Realçando as potencialidades econômicas da fruticultura irrigada desenvolvida no Baixo Médio São Francisco, Lacerda e Lacerda (2004) avaliam o desempenho do bipoce localizado no Vale São Francisco, afirmando que este espaço é o maior produtor de frutas, gerando 16.000 empregos diretos. A Tabela 1 destaca rendimento médio do bipoce Petrolina/Juazeiro por fruto/hectare.

De acordo com Lacerda e Lacerda (2014), a tabela faz um comparativo entre o Brasil e o bipoce Petrolina/Juazeiro, destacando-se que o país decresceu em 33% enquanto o bipoce do Baixo Médio São Francisco apresentou um crescimento de 106% durante os anos de 1990 a 2001.

Tabela 1: Rendimento médio de frutas no Brasil e Petrolina/Juazeiro (fruto/hectare).

ANOS	RENDIMENTO MÉDIO	
	BRASIL	PETROLINA/JUAZEIRO
1990	34381	18165
1991	33420	17892
1992	32808	18867
1993	30316	19423
1994	31172	19618
1995	32280	18591
1996	27281	20639
1997	31415	22990
1998	28043	24306
1999	29827	24882
2000	31856	78432
2001	11636	37456

Fonte: Lacerda e Lacerda (2014) *apud* IBGE: Produção Agrícola Municipal, 2003.

### 2.1.1 Construção imagético-discursiva sobre o Nordeste: análise de discurso

A análise de discurso contribui para a compreensão e reflexão sobre o significado e sentido produzido nos discursos, e no modo como se dimensiona no imaginário social, além do poder que tem de modelar e regular a sociedade. A produção do discurso não é neutra e nem aleatória, pois possui uma intencionalidade, pois a hipótese é que:

(...) ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade (...) (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

O discurso não é isolado, ele se conecta a outros discursos por renovar e organizar os princípios ou normas de uma sociedade, dando continuidade, ou seja, se relaciona com um encadeamento de significados associados com outros, fornecendo indicações de prosseguimento ou progresso, realçando ainda mais os outros discursos. Quando um discurso é disseminado, ele se reproduz no imaginário social por perpetuar valores e leis, com base ou algo em comum a sociedade. Para consolidação, propagação e aceitação de um discurso, o argumento é um importante elemento, pois ocorre quando,

(...) há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem várias; fórmulas, textos, conjuntos situados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas (...) (FOUCAULT, 1996, p.22).

O discurso que determina a dizibilidade ou visibilidade utiliza a repetição para se materializar no imaginário social, levando a indução de algo. A argumentação segue um raciocínio lógico e sutil com intuito de induzir ou provar de que algo é verdadeiro. A repetição, mesmo sendo suscetível, não surge do nada, e nem é nada isolado, mas sim se reproduzindo de forma sistemática e contínua, podendo o discurso ser aceito e com a possibilidade de tornar-se uma verdade, ou seja, discursos soltos ao vento ganham força quando se espalham o máximo possível sendo aceitos.

Albuquerque Júnior (2007) destaca que a repetição consistente do Nordeste reduzido à seca, sejam em figuras, imagens, temas, ou em livros e outros meios jornalísticos, que propagando imagem da região, impõem verdades pela repetição, agenciadas e compondo discursos que decorrem dos setores mais diferenciados.

Para desconstrução do discurso elitista que foca partes fragmentadas de enunciados que constroem um Nordeste somente com suas carências e não com a totalidade que engloba suas potencialidades, a educação é instrumento poderoso na construção de um conhecimento crítico que contemple a realidade, reconstruindo a imagem do Nordeste como a região das possibilidades. O ensino de geografia contribui para formação das pessoas na sociedade, pois de acordo com Paulo Freire, a educação não muda o mundo, mas sim as pessoas, e estas em conjunto podem transformar o mundo, ou seja, ela contribui para construção da criticidade, reflexão e compreensão da realidade. Porém, é instrumento que também pode ser usado para controle de discursos que pairam no imaginário social, pois “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p.44).

No âmbito da educação escolar, o livro didático é um recurso utilizado para propagação de tais discursos e imagens, conforme ressalta Faria (1994). A autora defende que o livro didático é um instrumento pelo qual uma classe dominante utiliza os discursos para fazer grupos sociais aceitarem suas verdades, de acordo com seus interesses.

Torna-se necessário dar uma atenção especial a este instrumento utilizado pelos professores, porque o livro didático ainda é um importante recurso no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, utilizado pelo professor, facilitando as aulas e direcionando o ensino por meio dos recursos visuais, mapas e atividades, etc. Para Sátiro (2018, p.14) “os livros didáticos podem ser entendidos como instrumento na produção do currículo escolar (...) em muitos casos os sustentadores da prática pedagógica”.

### 3 ANALISE IMAGÉTICO-DISCURSIVA SOBRE O NORDESTE NOS TEXTOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Para realização da análise dos conteúdos sobre o Nordeste nos textos dos livros didáticos de geografia, foram selecionados três exemplares, utilizados no Ensino fundamental e médio para viabilizar a explicação da construção imagético-discursiva sobre Região. No Quadro 2 têm-se as informações sobre os autores dos livros didáticos, especificamente a formação acadêmica e a universidade em que fez a graduação, mestrado ou doutorado. Observou-se que a maioria dos autores são da Região Sudeste e as publicações têm origem em São Paulo.

Quadro 2: Formação acadêmica dos autores dos livros didáticos de geografia selecionados para análise dos conteúdos sobre o Nordeste.

AUTOR	FORMAÇÃO ACADÊMICA	UNIVERSIDADE
Melhem Adas	Bacharel e licenciando em Geografia	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Sergio Adas	Bacharel e licenciado em Filosofia, Doutor em Ciências (área de concentração: Geografia Humana)	Universidade de São Paulo (USP)
James Onnig Tamdjian	Licenciando em Geografia.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Ivan Lazzari Mendes	Bacharel e Licenciado em Geografia. Mestre em Geografia Humana.	Universidade de São Paulo (USP) USP
Eustáquio de Sene	Bacharel e licenciando em Geografia. Mestre e doutor em Geografia Humana.	Universidade de São Paulo (USP)
João Carlos Moreira	Bacharel e licenciando em Geografia. Mestre e doutor em Geografia Humana.	Universidade de São Paulo (USP)
Valquíria Pires Garcia	Graduada em Geografia. Especialização em História e Filosofia da Ciência e Mestrado em Geografia.	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Beluce Bellucci	Doutor em História Econômica, mestrado em Desenvolvimento Agrário, graduado em Desenvolvimento Econômico e Social.	Universidade de Paris I e Universidade de São Paulo (USP)

Fonte: Obras didáticas dos autores.

Com base em Silva e Oliveira (2013, p. 92), utilizou-se como critério para descrição e interpretação de conteúdo nos livros: “o texto escrito, o uso de imagens, gráficos, quadros,

tabelas, mapas, a organização do conteúdo”. Inicialmente foi analisado cada conteúdo separadamente para aquisição dos dados concernentes à temática em questão e depois todos em conjunto para análise dos elementos imagéticos discursivos sobre o Nordeste destacada e sustentada pelos autores.

O objetivo da pesquisa não foi fazer juízo de valor concernente aos autores e conteúdo dos livros didáticos escolhidos, mas apresentar a concepção de Nordeste que eles mostram e sustentam no transcorrer da unidade ou capítulo analisado.

### **3.1 Definição de Nordeste**

O livro *Expedições Geográficas*, de autoria de Adas e Adas (2018), no volume dedicado ao 7º ano, conta com a discussão sobre o Nordeste na unidade 5 por 4 percursos ou capítulos, evidenciando as quatro sub-regiões naturais, isto é, Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio Norte. Na explicitação do conteúdo os autores chamam a atenção para os aspectos naturais, econômicos e sociais, denotando uma estrutura textual de base lablacheana.

Ao indicar as atividades práticas a serem desenvolvidos pelos alunos, os autores questionam a existência dos “vários Nordestes” com base na explicação da diversidade de aspectos naturais, econômicos e culturais que dão origens a diferentes paisagens. Além disso, trazem elementos imagético-discursivos como, desigualdades sociais presentes nas metrópoles nordestinas Recife, Salvador e Fortaleza, a vida dos agricultores no semiárido, o relevo, a vegetação e a economia das quatro sub-regiões, assim como aspectos econômicos das principais cidades de cada uma delas, por exemplo, o Centro Industrial do Subaé (CIS) em Feira de Santana, conforme a Figura 2, situando-a no agreste.

Entre essas capitais, duas são classificadas pelo IBGE como metrópole: Salvador e Recife (Fortaleza que está localizado no Sertão também é uma metrópole). Elas exercem ampla influência no espaço nordestino por oferecerem serviços diversificados, como comerciais, portuários, médicos hospitalares, educacionais, culturais, turísticos etc., atendendo a habitantes do Agreste e do Sertão. As capitais dos demais estados são capitais regionais importantes, mas suas áreas de influência são menores que as metrópoles. (...). Como ocorre em outras cidades grandes e médias do Brasil, as metrópoles do Nordeste apresentam graves problemas: deficiência em saneamento básico, habitações precárias, poluição de córregos e rios, brutal desigualdade de rendimento entre seus habitantes, entre outros (ADAS E ADAS, 2018, p. 151).



Figura 2: Imagem ilustrativa de uma fábrica em Feira de Santana. Fonte: Adas e Adas. (2018, p.160).

A expressão “vários Nordestes” designa a diversidade de elementos presentes na diversidade dos biomas mata atlântica, caatinga, cerrado e mata dos cocais, relacionando às condições climáticas, pedológicas e geológicas da Região. Economicamente, os autores explicitam as atividades industriais, o comércio, a fruticultura, a policultura, criação de gado bovino, entre outras atividades.

Adas e Adas (2018, p.153 e 174) assim descrevem a Zona da Mata e o Meio-Norte:

Essa sub-região foi ocupada no passado pela Mata Atlântica, o que explica o nome Zona da Mata. No decorrer dos mais de cinco séculos de ocupação humana dessa sub-região, a Mata Atlântica foi retirada em quase toda a sua extensão

[...]

O Meio-Norte é uma sub-região de transição entre o Sertão semiárido e a Amazônia úmida (clima equatorial úmido). Na sua porção oeste predominava a Floresta Amazônica, hoje amplamente desmatada pela ocupação humana; na sul, o Cerrado; na leste, a Caatinga; e na centro-norte, a Mata dos Cocais.

Quanto ao processo de industrialização e à agricultura, expõem que:

Na década de 1970, com a implantação do polo petroquímico de Camaçari, no município de mesmo nome, o crescimento econômico se acelerou e o processo de industrialização promoveu grande transformação socioeconômica. Esse polo estimulou a instalação de outras indústrias na Região Metropolitana de Salvador e o desenvolvimento do comércio e do setor de serviços (ADAS E ADAS, 2018, p.156).

Atualmente, o Agreste continua sendo um espaço de policultura, que se destaca na produção de milho, arroz, feijão, mandioca, algodão, café, frutas tropicais e agave (planta da qual se extrai uma fibra vegetal utilizada na fabricação de cordas, bolsas, tapetes, sacos e outros produtos) (ADAS E ADAS, 2018, p.160).

Oliveira (1981) destaca a existências de vários Nordestes, em decorrência da produção e reprodução do capital, no qual as relações econômicas e políticas desiguais resultam na concentração de terras que desestrutura o sistema agrícola, retirando os meios de produção e de subsistência do pequeno agricultor, obrigando-o a migrar para as cidades, porém os autores dos livros didáticos de geografia não discutem as desigualdades nessa perspectiva.

Sene e Moreira (2000), no livro intitulado *Trilhas Geográficas*, expõem no capítulo 10 o processo de ocupação das quatro sub-regiões do Nordeste. O livro contém elementos imagéticos tradicionais que caracterizam o Nordeste e os nordestinos, ou seja, o sertanejo e a dificuldade de acesso à água no Sertão, conforme pode ser visto nas Figuras 3 e 4.



Figura 3: Imagem ilustrativa do sertanejo na caatinga. Fonte: Pires e Bellucci (2006, p. 172).

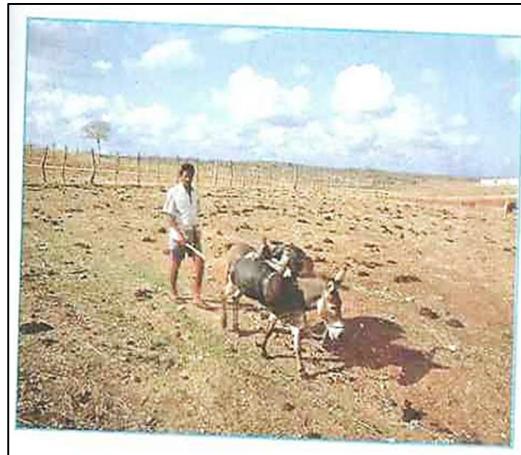


Figura 4: Imagem ilustrativa do sertanejo transportando água no semiárido cearense. Fonte: Pires e Bellucci (2006, p. 172).

As imagens produzem sentidos sobre o Nordeste, definindo-o como seco e pobre, quando a visibilidade sobre o semiárido nordestino, por exemplo, se repete e pode se tornar uma verdade, de acordo com Albuquerque Junior (2007). Estas caracterizam o Nordeste e os nordestinos retratados na obra *Os Flagelados*, de Jenner Augusto, ao exponenciar a pobreza, escassez de recursos naturais como a água, baixa capacidade produtiva do solo, fato visível na Figura 3. Tais aspectos não são discutidos como problemas socioespaciais, resultante da falta de políticas públicas que mitiguem os efeitos da seca.

O livro *Construindo Consciências*, de autoria de Pires e Belluci (2006), no módulo ou capítulo 7, aborda o Nordeste com foco na seca, inicialmente com fatores que contribuem

isso, como má distribuição da chuva, exemplificando com o EL Niño e o relevo. Traz fragmentos dos livros *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Graciliano Ramos apresenta a seca como problema, afirmando que “se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. (...) A desgraça estava a caminho (...).” Euclides da Cunha descreve o sertão como um ambiente árido, não semiárido, evidenciando que:

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva do que uma estepe nua. Ao passo que a caatinga o afoga, abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaço-o na trama espinhosa e não o atrai; repulsa-lo com a folha urticante, com o espinho e os gravetos estalados em lança, arvores sem folhas e desdobra-se-lhes na frente de léguas e léguas (...). (CUNHA, 1954, p. 34)

Além disso, os autores dos livros didáticos de geografia utilizam-se de músicas com elementos imagético-discursivos, que destacam a pobreza e as dificuldades de convivência com a seca no semiárido, como se fosse um problema ambiental e social. Na letra da música “Último Pau de Arara”, de Venâncio, Corumbá e José Guimarães, há um verso em que o compositor revela “A vida aqui só é ruim quando não chove no chão”, e em “Vaca Estrela e o Boi Fubá”, composição de Patativa do Assaré, os versos retratam os efeitos da seca que causavam morte do gado e tristeza de morar no semiárido. O poeta lembra que:

Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá  
Lá eu tinha o meu gadinho, não é bom nem imaginar (...)  
Não nasceu capim no campo para o gado sustentar (...)  
O sertão esturricou, fez os açudes secar  
Morreu minha vaca Estrela, se acabou meu boi Fubá  
Perdi tudo quanto eu tinha, nunca mais pude aboiar

A poesia descreve a vida difícil dos agricultores que convivem com a pobreza social oriunda de sistema de concentração de terras por partes de latifundiários, e o poeta destaca o clima semiárido como fator determinante nas condições sociais adversas, entretanto contrasta com impulsão econômica com a implantação de indústrias, agricultura irrigada e a atividade turística.

### 3.1.1 As sub-regiões naturais

Adas e Adas (2018), no capítulo ou percurso 19 que aborda a sub-região do Sertão, destacam a irregularidade das chuvas que contribui para semiaridez e um infográfico com elementos imagético-discursivos que retratam o agricultor simples no

clima semiárido, retratado na Figura 5. A produção socioeconômica das quatro sub-regiões nordestinas, dando destaque às cidades principais e a municípios baianos como Salvador, a atividade cacaueira desenvolvida em Itabuna e Ilhéus, atividades econômicas realizadas no Recôncavo Baiano e Polo Petroquímico de Camaçari, no percurso 17, e sobre a sub-região Zona da Mata. Já no percurso 18 destaca o Agreste chamando a atenção para o desenvolvimento industrial do município de Feira de Santana. O livro tem elementos textuais imagético-discursivos que focam características presentes no território baiano que auxiliam a compreensão do estudante.

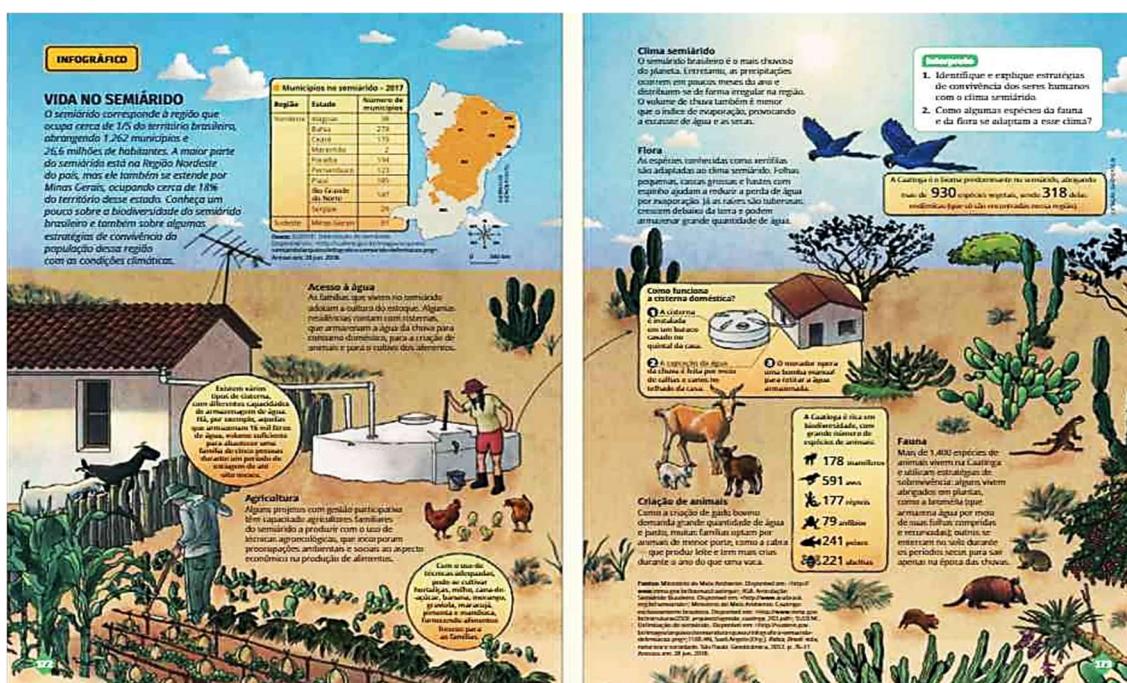


Figura 5: Imagem ilustrativa da vida no semiárido. Fonte: Adas e Adas (2018, p. 167-168).

Sene e Moreira (2000) e Pires e Bellucci (2006) trazem uma abordagem bem resumida com definições das quatro sub-regiões. Descrevem aspectos naturais, áreas industriais, irrigação e o turismo, elementos imagético-discursivos presentes nos livros. Estes também podem ser visibilizados quando os autores indicam que:

Um grande número de empresas tem se instalando na região, atraídas pelos incentivos fiscais concedidos pelos estados e pelo menor custo da mão de obra (...). Entre essas estão as que atuam em setores mais tradicionais, como as alimentícias e de vestuário (têxtil e calçado), e também as mais avançadas tecnologicamente, como as de informática, petroquímica e automobilística. Muitas áreas do Nordeste, inclusive aquelas localizadas em pleno Sertão, também vêm se tornando importantes polos de produção agrícola, com

lavouras irrigadas que produzem frutas, como melão, maça, mamão, manga, caju e uva, além de café, soja e arroz (PIRES E BELLUCCI, 2006, p. 172).  
[...]

O turismo vem sendo desenvolvido em várias partes da região, mas, sobretudo ao longo do litoral nordestino, com suas belas praias, sol e calor durante praticamente todo ano, atraindo um número cada vez maior de visitantes e estimulando a construção de grandes complexos (PIRES E BELLUCCI, 2006, p. 173)

Tamdjian e Mendes (2005) discorrem sobre o Nordeste no capítulo 9, abordando sobre as atividades agropecuárias no Brasil, como a fruticultura desenvolvida em Petrolina (PE), porém de forma bem sintética, referindo-se às sub-regiões, como a fertilidade dos solos e os produtos cultivados na Zona da Mata, as pequenas propriedades de subsistência do Agreste, o cultivo de algodão e pecuária de corte no Sertão, e cultivo de algodão e a rizicultura praticada no Meio Norte, porém sem aprofundar o conteúdo. Por exemplo:

Recôncavo Baiano: tabaco; sul da Bahia: cacau e frutas tropicais; faixas litorâneas de Pernambuco e Alagoas: cana-de-açúcar  
Agreste – (...). Os principais produtos são milho, arroz, feijão e mandioca (...).  
Sertão – (...). Nas proximidades das cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) (TAMDJIAN E MENDES, 2005, p. 178).

### 3.1.1.1 *Construção imagético-discursiva sobre a pobreza e a miséria*

No livro *Expedições Geográficas*, de Adas e Adas (2018), foi encontrado elemento imagético-discursivo na atividade de revisão dos percursos ou capítulos 19 e 20, que discorrem sobre migração de nordestinos que abandonam o local de origem no semiárido em busca de condições de vida melhor, fugindo da seca, como se ela fosse uma problemática ambiental. Além da condição deplorável que coloca a sub-região, expõe a situação de miséria e extrema pobreza regional, como se todos os habitantes vivessem em igual condição de vida.

Pires e Bellucci (2006) fazem uma apresentação da seca e suas implicações sociais na vida do agricultor, com uso amplo de elementos imagético-discursivos utilizados no senso comum, como, terra seca com cactos, pessoas com vestimentas típicas do meio rural e caminhão-pipa na distribuição de água, contrastando com saber científico quanto ao dinamismo econômico do Nordeste. Os textos contêm elementos imagético-discursivos que atestam a seca do clima semiárido como problemática ambiental. Desde o início do primeiro capítulo, retrata as condições adversas oriundas da seca, como a pobreza, conforme pode ser visto na Figura 6, com trecho da música gravada, entre outros, por Raimundo Fagner. Quando

os autores discutem “Geografia e Literatura”, colocam fragmentos de textos dos livros *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (Figura 7), e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (Figura 8), com imagens que focam seca e pobreza, como se o convívio fosse fadado à miséria e as condições semelhantes a um clima árido.

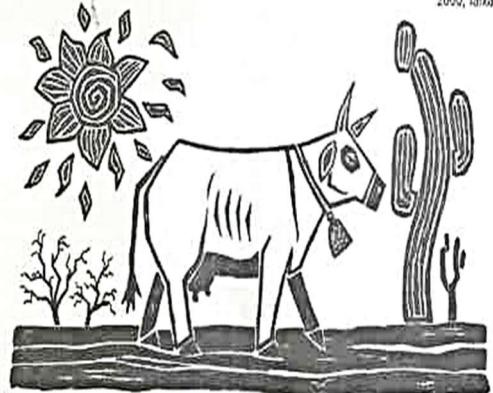
Está explícita nos conteúdos sobre o Nordeste dos livros didáticos de geografia a repetição de discurso imagético-discursivo sobre a seca alicerçando a pobreza. Isso contribui para a memorização de um discurso consolidando a ideia de um Nordeste miserável, com pouca ênfase ou destaque para as potencialidades econômicas. O discurso reduzido que induz os indivíduos a sustentarem a concepção do Nordeste como Região Problema, não surge do nada e nem mesmo é algo inteiramente novo ou inédito, não aparece isolada, mas nasce a partir do dizível que se torna visível.

**ÚLTIMO PAU-DE-ARARA**

A vida aqui só é ruim  
Quando não chove no chão  
Mas se chover dá de tudo  
Fartura tem de montão  
  
Tomara que chova logo  
Tomara meu Deus, tomara  
Só deixo o meu Cariri  
No último pau-de-arara.  
  
Enquanto a minha vaquinha  
Tiver a pele e o osso

E puder com o chocalho  
Pendurado no pescoço  
  
Eu vou ficando por aqui  
Que Deus do céu me ajude  
Quem sai da terra natal  
Em outros cantos não pára  
  
Só deixo o meu Cariri  
No último pau-de-arara...

Venâncio, Corumbá e José Gulmaraes.  
In: FAGNER, Raimundo. *Raimundo Fagner Ao Vivo* [CD]. São Paulo: Sony Music, 2000, faixa 12.



[...] Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Atrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entender. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misurados com anos ruídos. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, tropeando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas – ela se avizinhando a galope, com vontade de matá-lo.

Vitou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tentava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigá-la com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lento como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

– Um homem, Fabiano. [...]

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 14. ed. São Paulo: Record, 2002, p. 212.



Figura 6: Imagem ilustrativa do trecho da música *último Pau-de-arara*, de Raimundo Fagner. Fonte: Pires e Bellucci. (2006, p. 180)

Figura 7: Imagem ilustrativa do trecho do livro *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Fonte: Pires e Bellucci. (2006, p. 178)

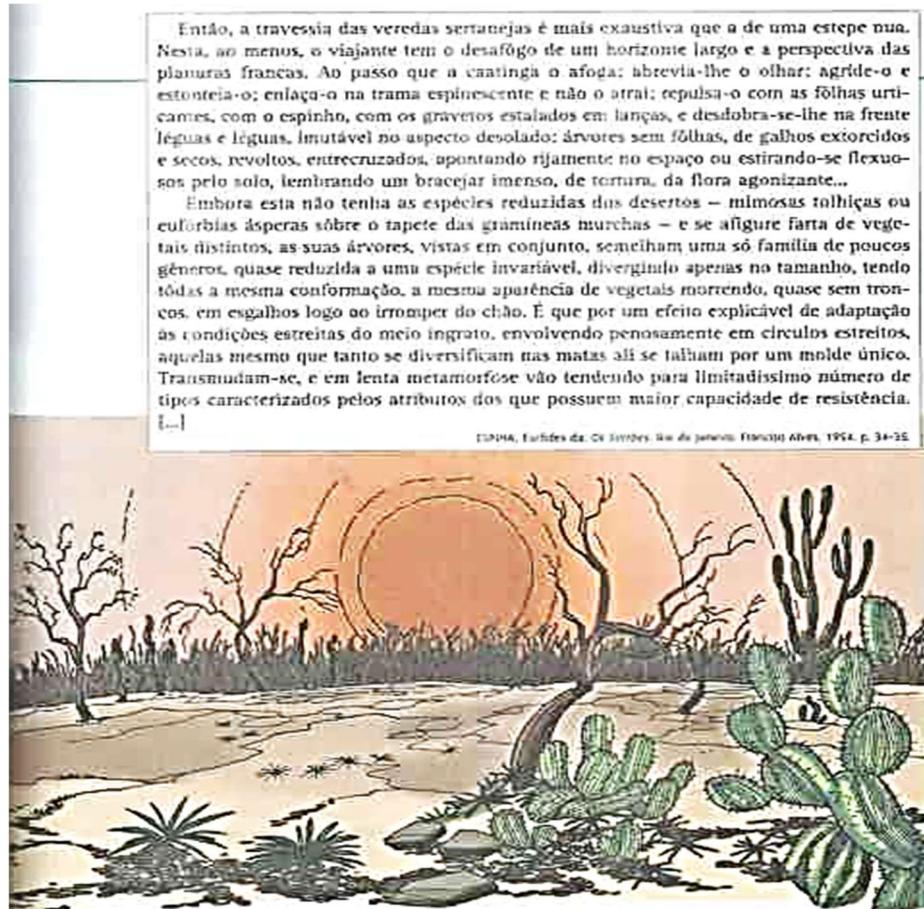


Figura 8: imagem ilustrativa do trecho do livro os sertões de Euclides da Cunha. Fonte: Pires e Bellucci (2006, p. 190).

A invenção do Nordeste decorre, portanto, dos discursos, ou seja, a região foi inventando com base no dizível e passa a ser vista mediante o que é dito. É descrito em textos dos livros didáticos de geografia como local repleto de areia seca e paisagens áridas e desprovidas de vegetação verde, fator decorrente das condições climáticas: está demarcado pelo clima seco, o mandacaru, de homens e animais das vidas secas, que se arrastam na poeira da estrada, caminhando sempre em busca de um lugar úmido. As imagens estão presentes em produções artísticas e culturais de escritores, artistas e músicos que divulgam esta realidade distorcida, e se tornam conhecidos por meio da visibilidade, transplantando uma realidade divisível (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

Os saberes que desencadeiam a concepção de um Nordeste pobre vêm elencados a uma construção imagético-discursiva que vem desde 1920, por notas produzidas por jornalistas, literatura de cordel e músicas, que davam a descrição do espaço, em publicações nos jornais mais importantes da época, contribuindo para instituição de uma construção

imagético-discursiva determinante da inferioridade de Nordeste que se naturalizou no imaginário social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia do Nordeste é caracterizada pela riqueza e diversidade natural, cultural e econômica, porém sofre as consequências de uma estrutura econômica contraditória, que beneficia latifundiários, concentrando cada vez mais terras, em detrimento dos pequenos agricultores, que enfrentam as mazelas resultantes da falta de políticas públicas para a convivência com o semiárido. O Estado poderia viabilizar caminhos para mitigar os problemas sociais, porém as elites, latifundiários, ou seja, a classe dominante, econômica e politicamente, utiliza a indústria das secas, e desvio de recursos para ampliar ainda mais a desigualdade.

A pobreza existente no Nordeste é marcada pela marginalização apresentada por meios literários e de comunicação, descaracterizando também o semiárido, escamoteando a realidade mediante ocultação das potencialidades econômicas. Assim, o nordestino fica estigmatizado como sofredor que habita no semiárido de terra rachada e passa fome devido à seca.

A construção imagético-discursiva sobre o Nordeste constrói uma concepção de inferioridade como resultado da pobreza e do atraso econômico, com origem, especialmente na literatura sulista, após a Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, a imprensa, intelectuais, literários, entre outros agentes e meios midiáticos, utilizavam uma visão depreciativa sobre o Nordeste, explicitando uma realidade conforme os interesses dominantes.

A imagem de semiárido nordestino também está associada a elementos imagético-discursivos que o retratam como um clima árido, desértico, e não considera as potencialidades econômicas e transformações que ocorreram no setor industrial e agrícola, a exemplo da fruticultura irrigada, que conferiu um dinamismo econômico ganhando destaque internacional através da exportação para mercado externo.

A convivência no semiárido não se restringe somente ao combate à seca, mas saber adaptar-se às condições climáticas locais. Malvezzi (2007) destaca que o armazenamento de água é importante para consumo humano, animal e agrícola devido à irregularidade das chuvas e a grande parte que cai sobre a superfície terrestre se evapora.

Os conteúdos sobre o Nordeste dos livros didáticos de geografia analisados reproduzem discursos que sustentam a concepção da Região seca, pobre, com pouco destaque

ao seu setor turístico, industrial e agrícola, produzindo sentidos e significados de um Nordeste fragmentado, com destaque a problemas sociais oriundos das condições naturais, que não contempla a realidade em sua totalidade.

## THE IMAGETIC-DISCURSIVE CONSTRUCTION ABOUT THE NORTHEAST IN THE TEXTS OF GEOGRAPHY TEXTBOOKS

### ABSTRACT

The Northeast result of the imagetic-discursive construction results in the invention of a Region, defined by the dissonant aspects of reality. An attempt was made to explain the process, through the reading and analysis of the texts of geography textbooks, of elementary and secondary education, confirming how each author contributes to endorse the constructed idea and consolidate in the social imaginary the understanding of a space defined by elements derogatory, that is, hunger, misery, poverty, parched landscape, as a result of climatic specificities. Bibliographical research enabled the deepening of conceptual definitions, as well as the selection and reading of textbooks, associated with the survey of data from estimates and demographic censuses by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The analysis carried out found that the pedagogical resource, while enabling the production of knowledge in the classroom, can become a dangerous instrument of imagetic-discursive construction and expose stigmas and stereotypes, based on regional content that deviates from reality.

**Keywords:** Region. Semi-arid. Geography Teaching. Textbook.

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 4<sup>a</sup> Ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2007.

FARIA, Ana Lucia Goulart. **Ideologia no livro didático.** 16<sup>o</sup> Ed. Editora Cortez, 1994.

ALVES, Alanna Shirley de Melo. **A construção imagética da Região Nordeste.** Monografia – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018. 62f.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. **Expedições geográficas.** 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2018.

TAMDJIAN, James Onnig; MENDES, Ivan Lazzari. **Geografia geral e do Brasil**: estudos para compreensão do espaço: ensino médio / volume único. – São Paulo: FTD, 2005.

PIRES, Valquíria; BELLUCCI, Beluce. **Construindo consciências**: geografia, 6º serie. – 1ºed. – São Paulo: Scipione, 2006.

SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Carlos. **O passado e presente na geografia**: trilhas geográficas, 6º serie. - São Paulo: Scipione, 2000.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-arido**: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

SÁTIRO, Leandro Nascimento. **A construção discursiva do nordeste brasileiro em livros didáticos de geografia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018. 106p.

MUNIZ, Celina Rodrigues. A leitura de identidade nordestina no livro didático: um exemplo de prática excluente de ensino. **Revista Contemporânea de Educação**, UFRJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(lí)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. 3ºed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

CASTRO, Iná Elias. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Terra Escrita, 2021.

RIBEIRO, Manuel Bonfim. **A potencialidade do semi-árido brasileiro**: o Rio São Francisco – uma análise. 2. ed. Salvador: Assembléia Legislativa, 2014.

LIMA, L. B.; SANTOS, C. R. B. dos. Análise dos conteúdos relacionados às mudanças climáticas e aquecimento global nos livros didáticos de geografia. *In: Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Interdisciplinar, IV, 2018., Anais... Juazeiro-BA, 2018.*

SILVA, Maria Aline; OLIVEIRA, Alexandra Maria. Dialogando com o livro didático de geografia: análise do discurso sobre questão agrária em obras do Ensino Médio. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 3, set./ago. 2013.

Lacerda, M. A. D. de; Lacerda, R. D. de. O cluster da fruticultura no polo Petrolina/Juazeiro. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 4, n. 1, 2004.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **O descoroamento da Princesa do Sertão**; de “chão” a território, o “vazio” no processo da valorização do espaço. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. 415 f.

Recebido em 28/08/2023.

Aceito em 19/05/2025.